

O QUARTO CAMINHO

P. D. OUSPENSKY

EDITORA: PENSAMENTO

O quarto caminho é o mais amplo relato, até hoje publicado, das idéias ensinadas por P. D. Ouspensky.

Grande parte dos ensinamentos de Ouspensky não foi registrada, a não ser na memória dos que o ouviram. Entretanto, em muitos dos grupos de Ouspensky, suas preleções foram gravadas e, na década depois de sua morte, ocorrida em 1947, alguns de seus discípulos estudaram a transcrição dessas gravações, das quais foram organizadas, palavra por palavra, sínteses adequadas para publicação. *O quarto caminho* é o resultado desse trabalho. (Cerca de 10.000 páginas dessas transcrições encontram-se atualmente no Departamento de Arquivos e Manuscritos da Biblioteca da Universidade de Vale, à disposição das gerações vindouras).

Um dos discípulos de Ouspensky, que estava presente tanto no primeiro encontro em Londres, em novembro de 1921, como no último, em julho de 1947, disse, uns trinta anos depois: "Esse era um método pelo qual certas verdades essenciais eram formuladas e divulgadas, de tal modo que o seu real entendimento pudesse ser reconstituído por outros muito mais tarde. Todos tivemos uma pequena cota nesse processo. Talvez isso fosse tudo o que pretendêssemos: ser 'parte integrante' na construção de algo cujo futuro e finalidade não chegaremos a ver."

O autor, P. D. Ouspensky (1878- 1947), nasceu em Moscou. Seus livros *Tertium Organum*, escrito em 1912, e *Um novo modelo do Universo*, escrito em 1914, revelam sua estatura como pensador e sua grande preocupação com os problemas relacionados com a vida humana. Espírito inquieto e profundo estudioso dos sistemas filosóficos ocultos e modernos, imbuído das disciplinas e do pensamento científico do século XX, reúne qualidades excepcionais que respaldam sua autoridade para expor os transcendentos conceitos que desenvolve em sua obra.

CAPÍTULO XI

Necessidade de estudar os princípios e métodos da escola - Três linhas de trabalho - O certo e o errado em relação às três linhas - A necessidade de compreensão - Metas e necessidades da escola - Pôr outro no seu lugar - Uma organização é necessária ao trabalho prático - O que é o "trabalho"? - Valorização - O trabalho com as pessoas - O trabalho para a escola - Interesse pessoal pela organização - O tipo certo de pessoas - Uma escola do Quarto Caminho - Atitude correta - Pagamento - Como pagar? - Centro de gravidade - Disciplina - Regras - Não fazer o que é desnecessário - Renunciar às próprias decisões - Exigências de uma reunião - Choques no trabalho de escola - A idéia de escolha - Trabalho físico - Conhecimento de escola - Homens de inteligência superior - Podem as escolas influenciar a vida?

Nestas conferências, temos falado do homem, não o bastante, mas o suficiente para fins práticos; falamos um pouco do Universo, mas vejo que a idéia de escola e do trabalho de escola ainda está muito vaga e à vezes mesclada com concepções ordinárias, que não levam a nada. A idéia de escola deve ser considerada simplesmente: uma escola é um lugar onde aprendemos algo. Mas deve sempre haver certa ordem nas coisas e não podemos aprender sem obedecer a essa ordem. Falando das escolas ligadas a algum tipo de escola superior (sem essa ligação uma escola não tem nenhum sentido), eu disse que, em tais escolas, devemos trabalhar sobre o nosso ser, ao mesmo tempo que sobre o nosso conhecimento, porque, do contrário, todo o nosso conhecimento será absolutamente inútil e não tiraremos qualquer proveito dele. As idéias esotéricas que não são interpretadas de maneira prática tomam-se mera filosofia, simples ginástica intelectual que não pode levar a parte alguma.

Dei-lhes todas as palavras necessárias ao estudo do sistema e expliquei a posição deste em relação aos outros sistemas. Devem estar lembrados de que falei dos diferentes caminhos e, do que eu disse sobre eles, resulta mais ou menos que este sistema pertence ao Quarto Caminho, isto é, tem todas as peculiaridades e características das escolas do Quarto Caminho. Disse então que uma escola depende do nível das pessoas que estudam nela, e esse nível depende do nível de ser.

Para o desenvolvimento do ser a escola é necessária - muitas pessoas trabalhando na mesma direção de acordo com os princípios e métodos da escola. Aquilo que um homem não pode fazer, muitas pessoas trabalhando juntas podem fazer. Quando encontrei este sistema, convenci-me muito depressa de que ele estava ligado às escolas e, dessa maneira, tinha atravessado a história escrita ou não. Durante esse tempo, os métodos foram inventados e aperfeiçoados.

As escolas podem ser de graus diferentes, mas, no momento, considero escola todos os tipos de escolas preparatórias que conduzem numa certa direção, e uma organização que pode ser chamada uma "escola" do Quarto Caminho é aquela que apresenta três forças no seu trabalho. O que é importante compreender é que há uma espécie de segredo no trabalho de escola, não no sentido de algo realmente escondido, mas algo que tem que ser explicado. A idéia é essa. Se considerarmos o trabalho de escola como uma oitava ascendente, saberemos que, em cada oitava,

há dois intervalos ou claros, entre mi e fá e entre si e dó. Para ultrapassar esses claros, sem mudar o caráter e a linha do trabalho, é necessário saber como preenchê-las. Assim, se eu quiser assegurar a direção do trabalho em linha reta, deverei trabalhar simultaneamente em três linhas. Se eu trabalhar apenas numa linha, ou em duas, a direção mudará. Se eu trabalhar em três linhas, ou três oitavas, uma linha ajudará a outra a atravessar o intervalo, dando-lhe o choque necessário. É muito importante compreender isso. O trabalho de escola utiliza muitas idéias cósmicas, e as três linhas de trabalho são um arranjo especial para salvaguardar a direção justa do trabalho e para torná-lo bem sucedido.

A primeira linha é o trabalho sobre si mesmo: estudo de si mesmo, estudo do sistema e a tentativa de mudar pelo menos as manifestações mais mecânicas. Esta é a linha mais importante. A segunda linha é o trabalho com as outras pessoas. Não podemos trabalhar sozinhos; um certo atrito, o incômodo e a dificuldade de trabalhar com as outras pessoas criam os choques necessários. A terceira linha é o trabalho para a escola, para a organização. Essa última linha assume diversos aspectos para diferentes pessoas.

O princípio das três linhas é que as três oitavas devem caminhar simultaneamente e paralelas entre si, mas elas não começam todas ao mesmo tempo e, desse modo, quando uma linha atinge um intervalo, outra linha entra para ajudá-la a atravessar esse intervalo, uma vez que os lugares destes não coincidem. Se um homem é igualmente ativo em todas as três linhas, isso o livra de muitos acontecimentos acidentais. Naturalmente, a primeira linha começa primeiro. Na primeira linha de trabalho, recebemos conhecimento, idéias, ajuda. Essa linha se refere apenas a nós mesmos, é inteiramente egocêntrica. Na segunda linha, devemos não só receber como dar - transmitir conhecimento e idéias, servir de exemplo e muitas outras coisas. Ela se relaciona com as pessoas no trabalho, de modo que, nesta linha, trabalhamos, em parte, para nós mesmos e, em parte, para os outros. Na terceira linha, devemos pensar no trabalho em geral, na escola ou organização como um todo. Temos que pensar no que é útil, no que é necessário à escola, naquilo de que ela tem necessidade, de modo que a terceira linha diz respeito à idéia global de escola e todo o presente e futuro do trabalho. Se o homem não pensar sobre isso e não o compreender, então as primeiras duas linhas não produzirão o seu pleno efeito. É essa a maneira como o trabalho de escola é organizado e a razão pela qual as três linhas são necessárias; só podemos receber choques adicionais e os benefícios totais do trabalho, se trabalhando nas três linhas.

Relacionam-se as três linhas de trabalho com a idéia de certo e errado, tudo o que ajuda a primeira linha, isto é, o nosso trabalho pessoal, é correto. Mas, na segunda linha, não podemos ter tudo para nós; temos que pensar nos outros que estão no trabalho, temos que aprender não só a compreender como a explicar, devemos dar aos outros. E, em pouco tempo, veremos que só podemos compreender certas coisas explicando-as aos outros. O círculo se toma mais amplo, o certo e o errado se tornam maiores. A terceira linha já tem relação com o mundo exterior, e bom e mau passam a ser aquilo que ajuda ou prejudica a existência e o trabalho de toda a escola, de modo que o círculo torna-se ainda mais amplo. Essa é a maneira de pensar nessa questão.

Chamo particularmente a atenção de vocês para o estudo e a compreensão da idéia das três linhas. É um dos princípios fundamentais do trabalho de escola. Se

o pusermos em prática, muitas coisas se abrirão para nós. Este sistema está repleto de tais instrumentos. Se os utilizamos, eles abrem muitas portas.

O primeiro princípio do trabalho é que os esforços dão resultados proporcionais à compreensão. Se não compreendermos, não haverá resultados; se, de fato, compreendermos, os resultados serão de acordo com o nível da nossa compreensão. Assim, a primeira condição é compreender, e mesmo antes disso, devemos saber o que é compreender e o modo como adquirir a compreensão correta. O trabalho verdadeiro deve ser o trabalho sobre o ser, mas este exige compreensão das metas, condições e métodos do trabalho. A meta do trabalho é instituir uma escola. Para isso, é necessário trabalhar de acordo com os métodos e regras da escola, e trabalhar nas três linhas. O estabelecimento de uma escola significa muitas coisas.

Há duas condições no trabalho com que devemos começar; a primeira é que não devemos acreditar em nada, devemos verificar tudo; a segunda, e até a mais importante condição se refere a fazer. Não deveremos fazer nada, enquanto não compreendermos por que e para que fim fazemos algo. Essas duas condições devem ser compreendidas e lembradas. É verdade que podemos nos dar conta de que não sabemos nada e não sabemos o que fazer. Nesse caso, sempre podemos pedir orientação, mas, se a pedirmos, teremos que aceitá-la e obedecer a ela.

Até agora trabalhamos na primeira linha, estudamos o que nos foi dado e explicado e tentamos compreender. Agora, se quisermos continuar, deveremos tentar trabalhar na segunda linha e, se possível, na terceira. Temos que tentar pensar em como encontrar mais trabalho na primeira linha, como passar para a segunda linha e como nos aproximar do trabalho na terceira linha. Sem isso, o nosso estudo não dará nenhum resultado.

Façam agora perguntas até que estejam persuadidos de que compreendem as três linhas de trabalho: o que cada linha significa, por que são necessárias, o que é necessário a cada uma delas, etc. O proveito que podemos obter é sempre proporcional à nossa compreensão. Quanto mais conscientemente trabalharmos, mais poderemos obter. É por isso que é tão importante que tudo isso seja explicado e compreendido.

Pergunta: De que maneira precisamos de três linhas de trabalho?

Resposta: No início, tudo depende da mente; ela deve ser educada, deve despertar. Mais tarde, dependerá da emoção. Para isso, precisamos de uma escola, devemos encontrar outras pessoas que saibam mais do que nós e devemos examinar as coisas com elas. Sem dúvida, se ficarmos sozinhos, esqueceremos as coisas que aprendemos, porque há tantos momentos em nós, que as coisas simplesmente desaparecem da nossa mente. É por isso que um homem não pode trabalhar sozinho e apenas o trabalho conjugado de muitas pessoas juntas pode produzir os resultados necessários. Há muitos obstáculos, muitos fatores que nos mantêm dormindo e tornam impossível o nosso despertar. As coisas que aprendemos simplesmente desaparecerão, se nada as favorecerem, e o que pode favorecê-las? Só outras pessoas à nossa volta.

Em princípio, devemos trabalhar na aquisição de conhecimento, de material, de prática. Em seguida, quando obtivermos uma certa quantidade, começaremos a trabalhar com outras pessoas, de modo que uma pessoa será útil a outra e ajudará a

outra. Na segunda linha, devido a certa organização especial, estamos em condições de trabalhar para outros, não apenas para nós. E, posteriormente, podemos compreender de que modo podemos ser úteis à escola. É tudo uma questão de compreensão. Na terceira linha, trabalhamos para a escola apenas, não para nós. Se trabalharmos nessas três linhas, depois de algum tempo essa organização se tornará uma escola para nós; mas, para as outras pessoas, que trabalham apenas numa linha, ela não será uma escola. Lembrem-se de que eu disse que uma escola é uma organização onde podemos não só adquirir conhecimento, mas também mudar o nosso ser. Uma escola dessa natureza nem sempre é a mesma, tem qualidades mágicas e pode ser um tipo de escola para uma pessoa e algo completamente diferente para outra. Devemos compreender que tudo que podemos receber, todas as idéias, todo o conhecimento possível, toda a ajuda, vêm da escola. Mas a escola não assegura coisa alguma. Considerem uma universidade comum, onde se dão apenas conhecimento e instrução. Ela pode nos assegurar uma certa quantidade de conhecimento, mas, ainda assim, só se trabalharmos. Mas, quando se apresenta a idéia de mudança de ser, não é possível nenhuma garantia, de modo que as pessoas podem estar na mesma escola, na mesma organização e podem estar em diferentes níveis.

Pergunta: O senhor falou das metas e das necessidades da escola. Poderia nos dizer quais são?

Resposta: Primeiro temos que nos preparar para compreendê-las. Temos idéias da escola, de modo que devemos fazer uso delas: isso nos ajudará a compreender as escolas. Se nós mesmos não fizermos nada e falarmos sobre as escolas, só criaremos imaginação e nada mais. Devemos tirar partido das idéias que temos, do contrário as escolas não existirão para nós. Devemos ter a nossa própria meta e ela deve coincidir com a meta da escola, deve fazer parte dela.

Pergunta: A diferença entre a primeira e a terceira linhas indica que a escola tem metas diferentes do desenvolvimento dos seus membros, tais como, por exemplo, a perpetuação do seu próprio conhecimento?

Resposta: Não apenas isso. Pode haver muitas coisas, porque ela é considerada numa linha de tempo diferente. Em relação a nós só podemos considerar o presente. Em relação à escola o tempo é mais longo.

Pode ser útil lembrar-lhes como esse trabalho começou. Há muito tempo atrás, cheguei à conclusão de que muitas coisas existiam no homem que podiam ser despertadas, mas vi que isso não levava a nada, porque, num momento, elas estão despertadas e, noutro, desaparecem, uma vez que não há nenhum controle. Desse modo, dei-me conta da necessidade da escola e comecei a procurar uma, mais uma vez em conexão com os poderes que eu chamava "miraculosos". Finalmente, encontrei uma escola e entrei em contato com muitas idéias. São as idéias que estamos estudando agora. Para esse estudo, é necessário uma organização; primeiro, para que as pessoas possam estudar essas idéias e, em seguida, para que possam ser preparadas para um estágio posterior. Esta é uma das razões para a existência de uma organização e só aqueles que já fizeram algo por si mesmos é que têm um lugar nela. Enquanto estiverem em poder da falsa personalidade, não podem ser úteis a si mesmos nem ao trabalho. Por isso, a primeira meta de quem esteja interessado no trabalho é estudar-se e descobrir o que deve ser mudado. Só

quando certas coisas tenham mudado é que um homem está efetivamente preparado para o trabalho ativo. Uma coisa deve estar ligada a outra. Devemos compreender que o estudo pessoal está ligado à organização e ao estudo das idéias gerais. Com a ajuda dessas idéias podemos descobrir muito mais: quanto mais tivermos, mais poderemos descobrir. O trabalho nunca chega ao fim; o fim está muito distante. Ele não pode ser teórico; cada uma dessas idéias deve tornar-se prática. Há muitas coisas nesse sistema que um homem comum não pode inventar. Algumas, podemos descobrir sozinhos; outras, só podemos compreender se nos forem dadas, mas do contrário não. E há uma terceira espécie de coisas que não podemos em absoluto compreender. É necessário compreender essas graduações.

Pergunta: Parece-me que o que aprendemos até agora foi teoria, e agora precisamos torná-la uma questão de prática pessoal, não?

Resposta: Exato. O que está errado é pensar que até o momento tudo foi teórico. Desde a primeira palestra, foi-lhes dado material para observação de si e para um trabalho prático. Não devem pensar que isto seja o começo de algo novo, que não existiu antes.

Pergunta: Que outra forma de trabalho poderíamos ter além das palestras e dos debates?

Resposta: Devem pensar naquilo de que precisam, além dos debates. Necessitam de instrução, é necessário que lhes mostrem o caminho. Um homem não pode encontrar o caminho sozinho; é pela condição dos seres humanos que o caminho pode lhes ser indicado, mas sozinhos não podem encontrá-lo.

Falando mais claramente, entramos na segunda linha de trabalho desta forma: esses grupos vêm funcionando há algum tempo e havia pessoas e grupos antes de vocês. Um dos princípios do trabalho de escola é que podem receber instrução e orientação não apenas de mim, mas também das pessoas que têm estudado antes de vocês chegarem, talvez durante muitos anos. A sua experiência é muito importante para vocês, porque, mesmo que eu o quisesse, não poderia dedicar-lhes mais do que o tempo que me é possível. Outros têm que complementar o que posso oferecer-lhes, e vocês, por seu turno, devem aprender como utilizá-lo, como tirar proveito da sua experiência, como tirar deles o que podem dar-lhes.

A experiência mostra que, para adquirir o que é possível dessas idéias, é necessário determinada organização, uma organização de grupos de pessoas não apenas para examinar as coisas, mas também para trabalhar juntas, como, por exemplo, no jardim, na casa ou na fazenda, ou fazendo outro trabalho que possa ser organizado e iniciado. Quando as pessoas trabalham juntas com o propósito de observar, começam a ver em si e nas outras pessoas diversas coisas que não percebem quando apenas debatem. O debate é uma coisa e o trabalho outra. Assim, em todas as escolas existem diferentes tipos de trabalho organizado e as pessoas podem sempre encontrar o que lhes é adequado, sem sacrifícios desnecessários, porque estes não são esperados.

Mas devem pensar sobre isso, devem compreender que até agora as pessoas cuidaram de vocês, lhes falaram, ajudaram-nos. Agora devem aprender a cuidar de si mesmos e, mais tarde, terão que cuidar não apenas de si, mas também de novas pessoas. Isso também será parte do seu trabalho.

O ponto fundamental de que lhes falo é a compreensão. Quero me referir à compreensão do trabalho, da necessidade do trabalho, das exigências do trabalho, do plano geral do trabalho e do interesse em tudo isso. É isto que é obrigatório. Não podemos compreender os métodos do trabalho, enquanto não compreendermos a sua direção geral. E, quando compreendermos a direção, isso nos ajudará a compreender muitas outras coisas que precisamos compreender. Não podemos nos abster dessa parte do trabalho. Se, por uma razão ou outra, nos abstermos, não podemos adquirir coisa alguma.

Algumas pessoas não compreendem o próprio começo do trabalho; não pensam nele como trabalho, tomam-no no sentido habitual. Há uma coisa que é necessária, obrigatória, após certo tempo; é uma *avaliação*, porque não se pode trabalhar sem ela. Por um lado, as pessoas querem trabalhar, mas, por outro, querem considerar as coisas da mesma maneira habitual. Mas, se quiserem trabalhar, tudo com relação ao trabalho deve ser considerado de modo diferente, tudo - e elas pensam que podem considerar as coisas da mesma maneira. O que sinto que está faltando é trabalho e compreensão e avaliação do trabalho. O que está faltando principalmente é avaliação. Tudo é tido como certo e, ao mesmo tempo, considerado de um ponto de vista comum. Como consequência, nada muda. Muita coisa depende da atitude e do trabalho das pessoas. Uma escola que serve para uma pessoa não serve para outra.

Pergunta: Como podemos ter uma atitude e avaliação corretas?

Resposta: Antes de mais nada, antes de começar a estudar, devemos decidir o que realmente queremos saber. É perfeitamente possível que o que estudamos aqui não interesse a uma pessoa; ela pode descobrir que não necessita disso de forma alguma. Por isso, devemos tratar de descobrir, mais ou menos, o que queremos; do contrário é possível que só estejamos perdendo o nosso tempo. Essa é a primeira coisa. A segunda é que devemos compreender certos princípios fundamentais, senão deixaremos de compreender muitas outras coisas; algo sempre permanecerá no caminho da nossa compreensão.

Um princípio muito importante é o de que ninguém pode estudar o sistema sozinho, e é necessário compreender o porquê. Há muitas razões. A primeira é muito simples e evidente: não podemos ter um mestre exclusivamente para nós. Se encontrarmos alguém que possa ensinar esse sistema, ele não gastará o seu tempo com uma só pessoa. E sem alguém que possa explicar as coisas e trabalhar conosco, não podemos fazer nada. Em segundo lugar, se trabalharmos sozinhos, ou tentarmos fazê-lo, não podemos pôr outra pessoa no nosso lugar e, num dado momento, isso se torna necessário para passar ao grau seguinte de conhecimento e de ser. Vocês devem se lembrar do que eu disse sobre a escada, na primeira palestra, em relação com a explicação do crescimento do centro magnético e da continuação do trabalho. Declarei que um homem só pode subir ao degrau seguinte da escada colocando outro homem no seu lugar. Isso quer dizer que subimos essa escada, que representa a diferença de níveis entre a vida comum e o que é chamado Caminho. O Caminho não começa no mesmo nível da vida comum; é preciso subir mais alto para chegar a ele. Isso significa que o nível da nossa compreensão, da nossa inteligência habitual, até mesmo dos nossos sentimentos comuns, tem de mudar. Além disso, quando se pensa em pôr outro no seu lugar, é muito importante evitar um equívoco perigoso. Algumas pessoas estão inclinadas a

pensar que este deve ser um trabalho individual. Elas não compreendem que essa expressão é uma formulação de um princípio geral. É infantilidade pensar que isso pode ser feito por uma pessoa mediante a transmissão dessas idéias a outra. Antes de tudo, é necessário compreender que não podemos fazê-lo e, em segundo lugar, que não se pode exigir isso das pessoas, porque o trabalho individual só pode se referir a si mesmo. Colocar alguém no nosso lugar é trabalho de escola, isto é, do esforço conjunto de todas as pessoas que pertencem à escola. Todo trabalho de escola é organizado tendo esse propósito em mira; todos os diferentes ramos do trabalho perseguem o mesmo fim: colocar as pessoas novas no lugar ocupado por aqueles que estão ali atualmente e, desse modo, ajudá-las a subir os outros degraus. Mas ninguém pensou nisso de maneira correta. Por exemplo, muito poucas pessoas pensam nessas palestras e na casa do campo: quem as organiza e como são organizadas e como se realizam. Esta é a resposta à pergunta sobre colocar alguém no seu lugar, porque outros cuidam de vocês e organizam as coisas para vocês. Estudaram as idéias do sistema antes de vocês e chegaram a determinado ponto no estudo delas; e agora querem ir adiante. Para isso, têm de ajudar os outros a saber o que eles sabem. Eles não podem fazer isso sozinhos; por isso, ajudam a organizar palestras e outras coisas para as pessoas mais novas. Isso é parte do plano geral do trabalho de escola. O princípio do trabalho é que todos devem fazer o que podem. Em seguida, quando chegam outras pessoas, cabe a eles fazer o que outros fizeram antes deles. É necessário certo período de esforço e todos devem partilhar dele.

Pergunta: Por que um homem pode fazer mais num grupo do que sozinho?

Resposta: Por muitas razões. A primeira, como expliquei, é que ele não pode ter um mestre só para si. A segunda é que, nas escolas, algumas arestas são aparadas. As pessoas têm que se adaptar umas às outras, e isso geralmente é muito útil. A terceira é que um homem está cercado de espelhos; pode se ver em cada pessoa.

Pergunta: Mas há aqui um elo entre mim e os outros?

Resposta: Deve haver um elo, mas este é produzido pelo trabalho. Todos os que trabalham criam esse elo. Não devemos esperar que os outros pensem em nós. Eles o farão tanto quanto possível, mas não devemos ter isso como garantido.

Pergunta: O senhor poderia falar mais sobre isso? Existe alguma obrigação entre mim e as pessoas que estão nesta sala?

Resposta: Isso depende de você, de como compreende isso, do que sente em relação a isso, do que pensa que pode fazer a respeito disso. Não há nenhuma obrigação imposta. As obrigações resultam do trabalho. Quanto mais se faz, mais obrigações se tem. Se não fazemos nada, nada nos é pedido. Gurdjieff explicou isso no início; ele disse que era perigoso fazer alguma coisa no trabalho, se não se quisesse que nos pedissem coisas difíceis.

Pergunta: O senhor disse que a segunda linha de trabalho é o trabalho com as pessoas. Acho mais fácil trabalhar só.

Resposta: Todo mundo acha a mesma coisa. Sem dúvida seria muito melhor se você pudesse se sentar aqui sozinho e falar comigo, sem qualquer outra pessoa, e sobretudo "essas" pessoas, porque elas são particularmente desagradáveis. Todos nós pensamos isso. Eu pensava isso, quando comecei a estudar. É uma das coisas

mais mecânicas no trabalho. O trabalho e o sistema, no seu conjunto, estão organizados de maneira tal, que não se pode obter nada da primeira linha, se não se trabalhar na segunda e terceira linhas. Na primeira linha, podemos adquirir certas idéias, determinadas informações, mas, depois de algum tempo, paramos, se não trabalhamos nas outras duas linhas.

Pergunta: Enquanto tentamos trabalhar na primeira linha, como podemos ter uma idéia da terceira linha?

Resposta: Trabalhando, para começar, na primeira linha e, depois, tendo uma visão do conjunto: todas as idéias do sistema e os princípios do trabalho de escola. Se trabalhamos no que chamamos a primeira linha - estudo de si mesmo e estudo do sistema - todas as possibilidades no trabalho fazem parte dele. Por isso, quanto mais tempo e energia dedicamos ao estudo do sistema, mais compreendemos o que ele abrange. Desse modo, pouco a pouco, a compreensão chegará. Na primeira linha, devemos ser muito práticos e pensar no que podemos conseguir. Se sentimos que não somos livres, que estamos dormindo, talvez sintamos a necessidade de ser livres, de despertar, e, dessa forma, trabalharemos para conseguir isso. Na terceira linha, pensamos sobre o trabalho, sobre a organização inteira. Antes de tudo, a organização deve ser o objeto do nosso estudo, como o Raio da Criação - a idéia de organização, as necessidades da organização, as formas da organização. Depois veremos que a organização é assunto nosso, de ninguém mais. Todos devem participar dela, quando puderem. Ninguém é solicitado a fazer o que não pode, mas todos devem pensar nisso e compreendê-lo. Na terceira linha, não é tanto o fazer que é importante, mas o pensar nela. Não podemos deixar que outros pensem a respeito dela por nós. Não pode existir trabalho de escola numa única linha. Trabalho de escola significa trabalho nas três linhas. Isso deve ser considerado sob um ponto de vista pessoal e devemos compreender que só com esses três tipos de ajuda podemos sair do ponto morto da passividade. Muitas coisas nos mantêm ali, temos sempre os mesmos sentimentos, os mesmos sonhos, os mesmos pensamentos.

Pergunta: A terceira linha é responsável pelo progresso do sistema?

Resposta: Tudo é. Uma linha não pode existir sem a outra. Uma linha ou duas não é trabalho. Mas, antes de mais nada, é necessário compreender. Podemos estudar - nos é dado tempo para isso -, mas não podemos decidir fazer uma coisa e pôr de lado outra.

Pergunta: O senhor quer dizer que primeiro devemos compreender o que significa a terceira linha. Mas isso, certamente, ainda não é trabalho, certo?

Resposta: Depende. Num determinado sentido, compreender já é trabalho. Se um número suficiente de pessoas não pensa no trabalho como um todo e não o compreende, é impossível continuar. Um certo número de pessoas deve compreender e poder fazer o que é necessário. Vocês nunca perceberam como é difícil a existência do trabalho, mesmo na forma que tem hoje. No entanto, é possível para ele existir e se desenvolver, se introduzirmos nele mais compreensão e energia. Em seguida, com uma compreensão correta, haverá um desenvolvimento correto. Mas não devemos esperar que alguém introduza compreensão e energia nele por nós.

Pergunta: Mas a iniciativa não cabe a mim?

Resposta: Sem dúvida, cabe a você. Mas, na segunda linha, ela não lhe compete, tem que ser organizada. Cada qual terá que compreender por si só a terceira linha; só então ela existirá. Depende da nossa atitude e das nossas possibilidades, e estas possibilidades não podem se criar artificialmente. Se sentirmos que é necessário fazer algo para o trabalho da escola e se pudermos fazê-lo, isso será terceira linha de trabalho. Primeiro, devemos compreender o que é necessário e só depois podemos pensar no que nós mesmos poderemos fazer pela organização.

Pergunta: Parece-me que o que o senhor quer de nós é que sintamos que somos a organização, ou parte dela, e que ela não é algo separado de nós, não é?

Resposta: Exato, e mais do que isso. Devem compreender o que uma escola do Quarto Caminho significa. Ela existe dentro da vida comum e, portanto, necessita especialmente de organização. As escolas de monges e ioguis são organizadas, mas a vida comum não oferece oportunidade de estudar os diferentes aspectos que precisam ser estudados. Para isso, deve haver uma organização especial.

Pergunta: O senhor falou muito de compreensão recentemente.

Resposta: É verdade. A compreensão é necessária, assim como uma atitude pessoal. As pessoas não tomam a existência da escola uma questão pessoal, e a escola não pode ser impessoal. Em muitos casos, as palavras se põem no caminho da compreensão. Falamos da primeira, segunda e terceira linhas, repetindo apenas palavras, e deixamos de compreender qualquer coisa. Utilizamos essas palavras com extrema facilidade. É preciso que tenhamos a nossa própria visão pessoal dessas linhas: primeiro, de nós mesmos adquirindo conhecimento, novas idéias, rompendo com velhos preconceitos, livrando-nos de antigas idéias que expressamos no passado e se contradiziam, estudando-nos a nós mesmos, estudando o sistema, tentando nos lembrar de nós mesmos e muitas outras coisas. Devemos pensar no que queremos adquirir, conhecer e ser, em como mudar velhos hábitos de pensar e sentir. Tudo isso é primeira linha.

Em seguida, quando estivermos suficientemente preparados e fizermos esforços suficientes durante algum tempo, poderemos nos colocar nas condições do trabalho organizado, onde poderemos estudar de maneira prática. Na segunda linha, a dificuldade fundamental, no começo, é trabalhar não por nossa própria iniciativa, porque essa linha não depende de nós, mas das disposições do trabalho. Muitas coisas fazem parte dela: dizem-nos que façamos isso ou aquilo, e queremos ser livres, não gostamos disso, não queremos fazer aquilo ou não gostamos das pessoas com quem temos que trabalhar. Mesmo agora, sem saber o que teremos que fazer, podemos nos imaginar em condições de trabalho organizado, no qual entramos sem saber nada dele ou muito pouco. São essas as dificuldades da segunda linha e o nosso esforço em relação a ela começa com aceitação das coisas, porque podemos não gostar delas; podemos pensar que é possível fazer o que temos que fazer melhor, da nossa maneira; podemos não gostar das condições e assim por diante. Se pensarmos primeiro nas nossas dificuldades pessoais na relação com a segunda linha, poderemos compreendê-la melhor. De qualquer modo, ela é ajustada de acordo com um plano que não conhecemos e com metas de que não temos conhecimento. Há muitas outras dificuldades que surgem mais tarde, mas esse é o modo como começa.

Na terceira linha, a nossa iniciativa aparece uma vez mais, se temos a possibilidade de fazer alguma coisa não para nós mesmos, mas para o trabalho. E, ainda que não possamos fazer nada, é útil dar-se conta disso. Mas devemos compreender que, se todos chegarem à conclusão de que não podem fazer nada, não haverá nenhum trabalho. É isso que entendo por ter uma visão pessoal, não apenas usando as palavras primeira, segunda, terceira linha. As palavras não significam nada, sobretudo nesse caso. Quando tivermos uma visão pessoal, não precisaremos dessas palavras. Falaremos numa linguagem e de modo diferentes.

Cada linha do trabalho, como tudo no mundo, se desenvolve por oitavas, crescendo, decrescendo, ultrapassando intervalos e assim por diante. Se trabalharmos em todas as três linhas, quando chegarmos a um intervalo no nosso trabalho pessoal, outra linha de trabalho poderá estar indo bem e nos ajudará a ultrapassar o intervalo no nosso trabalho individual. Ou então este poderá estar se desenvolvendo bem e, desse modo, ajudará a vencer o intervalo noutra linha. É disso que falo, quando me refiro aos intervalos em relação com as diversas linhas.

Uma coisa que se deve compreender, no trabalho, é que não podemos ser livres. A liberdade é, sem dúvida, uma ilusão, pois não somos, de forma alguma, livres; dependemos das pessoas, das coisas, de tudo. Mas estamos acostumados a pensar que somos livres e gostamos de pensar em nós mesmos como seres livres. Contudo, num determinado momento, temos que nos livrar dessa liberdade imaginária. Se mantivermos essa "liberdade", não poderemos ter nenhuma chance de aprender nada.

Pergunta: Em relação a pensar de maneira pessoal, verifico que, quando tento fazer isso, reduzo-o a uma escala diminuta.

Resposta: Você está misturando as coisas; a palavra "pessoal" o desorientou. "Pessoal" não significa apenas a nossa própria vida e condições. Devemos sentir que é o nosso próprio trabalho. Uma escola só pode existir, quando as pessoas sentem no seu íntimo, não exteriormente, quando pensam nele como se fosse a sua própria casa. Só então tirarão proveito dele e saberão o que pode auxiliar o trabalho, o que pode ser útil a ele.

Vou dar-lhe um exemplo de uma atitude pessoal. Lembra-se, por certo, da parábola do Novo Testamento do homem que deseja uma pérola e vende tudo para comprá-la. Há também outras pequenas parábolas que são a representação de uma atitude pessoal. Imagine um homem fazendo isso impessoalmente; seria inteiramente diferente. O Novo Testamento mostra sempre a necessidade de uma atitude pessoal, de um proveito pessoal.

Muitas coisas se tornarão possíveis, se pensarmos nelas de maneira adequada. Todo problema ligado ao trabalho, se devidamente compreendido, nos proporciona algo; não há nada de que não possamos tirar mais proveito do que agora. A primeira coisa a aprender, nesse sistema, é como adquirir coisas; tudo que fizermos deverá ter um propósito, o nosso próprio propósito. Tiramos proveito de todas as três linhas, mas de cada uma de modo diferente.

Em relação à terceira linha, é muito importante compreender a idéia geral da razão por que esse trabalho existe e de como servi-lo. Como eu disse, a idéia é estabelecer uma escola, trabalhar segundo as regras e princípios da escola, primeiro estudando essas regras e princípios, e, em seguida, aplicando-as na prática. Para

isso, são necessárias muitas condições. Uma delas é que as pessoas sejam lógicas. Algumas delas estão preparadas, podem desenvolver essas idéias, mas não as conhecem. É necessário, por isso, descobri-las, encontrar o tipo certo de pessoas e oferecer-lhes essas idéias. Mas, para isso, é preciso primeiro que tenhamos nós mesmos uma compreensão delas.

Às vezes, me perguntam por que seria necessário a expansão de um sistema que se destina apenas a uns poucos. Não é difícil responder a essa pergunta. É inteiramente verdadeiro que esse sistema não pode pertencer a todos; ele não pode sequer pertencer a muitos. Mas nós devemos fazer todo o esforço para oferecê-lo ao maior número possível de pessoas. A expansão das idéias do sistema será limitada pela natureza das próprias idéias e pela inércia das pessoas e pela sua incapacidade de compreendê-las. Mas não deve ser limitada pela nossa própria inércia.

O sistema só pode chegar às pessoas certas, isto é, àquelas que não apenas recebem, mas também dão, se for oferecido a um grande número delas. Se ficar restrito a um pequeno grupo, nunca chegará às pessoas certas. Os pequenos grupos, se pensam que podem conservar as idéias para si mesmos, as deformarão e prejudicarão. Só se podem evitar as deformações, se o trabalho crescer e muitas pessoas tiverem conhecimento dele. Os pequenos grupos, restritos e imutáveis, sempre acrescentarão algo pessoal a ele. Assim, quanto mais cresce o trabalho, tanto mais cada indivíduo pode obter dele. Outra razão por que as escolas não podem existir numa escala pequena demais é que só um certo número de pessoas proporciona uma variedade suficiente de tipos. Para um trabalho de grupo bem-sucedido, é necessário uma variedade de tipos, do contrário não haverá nenhuma fricção, nenhuma oposição. As pessoas julgarão que se compreendem mutuamente.

Pergunta: Qual é a melhor maneira de começar a formar uma escola do Quarto Caminho?

Resposta: Não podemos começar. Uma escola começa a partir de outra escola. Se as pessoas se reúnem e dizem: "Vamos começar uma escola", isso não será uma escola do Quarto Caminho. Mas se uma escola foi iniciada, como continuar, como desenvolvê-la? É sobre isso que devemos pensar. E, para isso, devemos compreender, em primeiro lugar, o que significa trabalhar em três linhas e, em seguida, trabalhar nelas.

Pergunta: Para algumas pessoas o sistema se apresenta como egoísta.

Resposta: Num certo sentido, o sistema deve ser egoísta. A primeira linha de trabalho é egoísta, pois nela esperamos obter algo para nós. A segunda linha é mesclada, temos que levar em consideração outras pessoas, por isso ela é menos egoísta; e a terceira linha não é absolutamente egoísta, pois é algo que fazemos para a escola, não com a idéia de obter algo da escola. A idéia de obter algo pertence à primeira linha. Portanto, o sistema abrange em si tanto o que é egoísta como o que não é.

Pergunta: Como poderemos compreender praticamente a terceira linha?

Resposta: Quando começamos a compreender, isto assinala um momento definido do trabalho. Vamos supor que estamos em contato com determinada escola, não

importa de que nível ou o fato de ser boa ou má. Nessa escola, podemos adquirir certo conhecimento. Mas o que damos em troca? De que modo ajudamos a escola? Essa é a terceira linha. Perguntam-me muitas vezes o que significa a terceira linha, como compreendê-la e como começar a trabalhar nela. Essa pergunta nunca apresentou, para mim pessoalmente, qualquer dificuldade. Desde o momento em que encontrei o sistema, senti que ele era maior e mais importante do que tudo que eu tinha conhecido anteriormente e, ao mesmo tempo, que era conhecido apenas por um grupo de pessoas. Não havia nenhuma organização por trás dele, nenhuma ajuda, nada. A ciência, a arte, o teatro, a literatura têm as suas universidades, museus, livros, um grande número de adeptos, a ajuda dos governos e da sociedade e, ao mesmo tempo, unindo-se todo o seu conteúdo, eram muito pequenos em comparação com o sistema. Na melhor das hipóteses, eram somente uma preparação para o sistema, e, apesar disso, tinham tudo e o sistema não tinha nada.

Eram essas as minhas idéias, quando encontrei esse sistema. Decidi trabalhar nessa linha, e esta era a terceira linha de trabalho.

É absolutamente claro que o trabalho necessita de uma organização e um local para todas as pessoas que queiram vir, e, portanto, é necessário encontrar pessoas que compreendam essa necessidade e queiram e possam manter o trabalho de todos os modos possíveis. Tomemos o exemplo de uma escola comum. Ela requer determinado plano e organização, assim como certo número de pessoas para fazê-la funcionar, e é preciso saber quem fará uma coisa e quem fará outra.

Desse modo, todos os que quiserem prosseguir devem compreender que esse trabalho, a sua existência e prosperidade, é uma questão de cada um, e cada qual deve pensar nisso, deve tentar compreender as suas exigências, deve considerar como preocupação pessoal sua o fato de que o trabalho deve prosseguir e não deixar tudo isso para os outros.

Há um provérbio russo que diz: se você gosta de deslizar encosta abaixo, deve gostar de empurrar o trenó até o alto da montanha. Se alguém diz: "Estou interessado na primeira linha, mas não na terceira", é o mesmo que dizer: "Gosto de deslizar pela encosta, mas não gosto de empurrar o trenó até o alto da montanha."

Tentem pensar que eu posso ir embora e o trabalho, como está agora, pode desaparecer. Vejam as coisas desse ponto de vista, não considerem trabalho como uma instituição permanente.

Pergunta: Tento tirar o que posso do trabalho. Mas como aprender a retribuir?

Resposta: Às vezes, é possível que estejamos na situação de fazer a pergunta dessa forma, mas outras vezes basta compreender o que se pode dar, não o que nós podemos dar; saber o que é útil e necessário ao trabalho sem relação conosco mesmo. Só então podemos compreender o que pode ser útil num determinado momento. e ver se podemos fazer ou não algo nesse momento. Assim, antes de poder colocar "eu" nele, devemos compreender o que pode ser feito em geral, o que o trabalho precisa. Só mais tarde poderemos colocar "eu" nele. Não me preocupo muito com o que uma ou outra pessoa efetivamente faz, mas com o que ela pensa. É isso que tem importância. Se ela pensa e sente corretamente, a oportunidade poderá chegar. Ela pode não ter a oportunidade de fazer algo hoje, mas as circunstâncias podem mudar e a oportunidade pode se apresentar. Mas, se ela não

cuida desse aspecto das coisas, se não o compreende e não pensa corretamente sobre ele, priva a si mesma da possibilidade de obter o que quer.

Pergunta: Se as circunstâncias pararem o trabalho, como ele está agora, haverá uma possibilidade de desenvolvimento de si mesmo mediante a utilização do que se ouviu aqui?

Resposta: Não posso responder. Posso dizer apenas que, se as pessoas não trabalharem nessas condições, como poderão fazê-lo sem elas? A experiência mostra que, com toda a ajuda possível, é necessário muito tempo para obter alguns resultados; portanto, se um homem estiver só, haverá ainda menos chance. É impossível dizer o que acontecerá num caso ou noutro. Temos a tendência a esquecer as coisas mais elementares que aprendemos. Mesmo o que julgamos ter compreendido, esquecemos em duas semanas. Além disso, com as melhores intenções, as pessoas distorcem as idéias. Admitindo que não entrem em contato com nenhum grupo, elas devem continuar a pensar, têm problemas, fazem perguntas a si mesmas e têm que encontrar respostas para elas. Por exemplo, uma das formas costumeiras de deturpação pelas pessoas que trabalham por si mesmas ou em grupos separados consiste em que elas invariavelmente consideram algum tipo de explicação como um princípio.

Mas, se o homem aprendeu a lembrar-se de si mesmo, isso é outra coisa; é um estado diferente, são condições diferentes.

No trabalho, a primeira condição é compreender o que queremos adquirir e o quanto estamos preparados para pagar por isso, porque temos que pagar por tudo. Às vezes, queremos coisas, sem compreender o que isso implica e quanto se deve pagar. Tentem pensar sobre isso e talvez compreendam o que quero dizer. Isso significa que tudo que possamos adquirir necessita de um certo esforço e, para fazer esse esforço, sobretudo fazê-lo conscientemente, devemos saber por que o estamos fazendo e o que queremos adquirir com ele. E é muito importante compreender também em que condições podemos trabalhar e que, sem elas, é inútil tentar fazê-lo.

Pergunta: O senhor disse que devemos saber o quanto estamos preparados para pagar. Como podemos pagar?

Resposta: O pagamento é um princípio. O pagamento não é necessário à escola, mas às próprias pessoas, porque, sem pagar, elas não obterão nada. A idéia de pagamento é muito importante e devemos compreender que o pagamento é absolutamente necessário. Podemos pagar de um modo ou de outro, e todos têm que descobrir isso por si mesmos. Mas ninguém pode obter coisa alguma pela qual não tenha pago. As coisas não podem ser dadas, só podem ser compradas. É mágica, não coisa simples. Se temos um conhecimento, não podemos dá-lo a outra pessoa, pois, somente se ela pagar por ele, poderá tê-lo. Trata-se de uma lei cósmica. A idéia de pagamento é enfatizada, de maneira muito forte, no Novo Testamento, em Mateus XIII, nas diversas e belas parábolas que mencionei. O homem tem que ser um bom negociante, deve saber o que comprar e quanto pagar. As coisas não podem cair do céu, não podem ser achadas, devem ser compradas. O que podemos adquirir é proporcional ao que estamos prontos a pagar. E temos que pagar antecipadamente, não há crédito.

Pergunta: Não existe nenhum controle do preço? Não podemos achar o preço alto demais?

Resposta: Há pessoas que julgam o preço alto demais, recusam-se a pagar e nada obtêm.

Pergunta: Não compreendo o que é pagar antecipadamente. Como é que se faz isso?

Resposta: A única maneira é pagar antecipadamente, mas como isso é feito é outra coisa; tudo que estudamos aqui é como pagar antecipadamente.

Como princípio geral, pagar antecipadamente significa que, se estivermos fazendo um trabalho e quisermos obter algo relacionado com ele, e se o tornarmos útil para a escola, teremos então o direito de obtê-lo.

Pagar é um princípio muito importante no trabalho, e deve ser compreendido. Sem pagar não podemos obter nada. Mas, em regra, queremos obter algo sem pagar, e é por isso que não temos nada. Se decidimos realmente fazer um esforço para ter esse tipo de conhecimento - e até mesmo para adquirir uma coisa muito pequena - e o fazemos, sem considerar tudo mais, podemos obtê-lo. Esse é um ponto muito importante. Dizemos que queremos saber, mas realmente não o queremos. Pagaremos por qualquer coisa, mas por essa não estamos prontos a pagar nada, e assim, como consequência, não adquirimos nada.

Pergunta: Pagar tem algo que ver com uma perda para si mesmo?

Resposta: Perda ou esforço. Podemos ganhar dessa maneira, mas é possível que consideremos isso como uma perda. O pagamento tem muitos aspectos. O primeiro pagamento é, naturalmente, dar-se ao trabalho de estudar e compreender as coisas que ouvimos. Não é ainda, em si mesmo, pagamento, mas cria a possibilidade de pagamento. No verdadeiro sentido da palavra, pagar deve ser útil não apenas a nós, mas a algo mais, à escola. Mas, se não somos úteis a nós mesmos, não podemos tampouco ser úteis à escola.

Pergunta: Portanto, para progredir, devemos fazer pequenos pagamentos?

Resposta: Ou grandes.

Pergunta: Quais são eles?

Resposta: É sobre isso que estamos falando; devem descobri-los por si mesmos. Significa sempre um certo esforço, um certo "fazer", diferentemente do que fazemos naturalmente, e deve ser necessário ou útil ao trabalho.

Pergunta: Não compreendo a diferença entre esforços e pagamento.

Resposta: Os esforços podem ser um pagamento, mas devem ser úteis, e não apenas a nós. É necessário compreender o trabalho em geral e as suas necessidades. Quando compreendermos tudo isso, descobriremos maneiras de fazer algo útil. A atitude depende de nós mesmos e da nossa compreensão; a oportunidade depende das circunstâncias.

Pergunta: Há uma relação entre trabalho sobre si mesmo e pagamento?

Resposta: Se não trabalharmos sobre nós mesmos, não poderemos pagar. Essa é a relação. Quem pagará? A falsa personalidade não pode pagar. Dessa forma, no

início, pagamento significa esforço, estudo, tempo, muitas coisas. Mas isso é apenas o começo. Como eu disse, a idéia é que, no caminho para atingir algo no trabalho, só adquirimos algo na proporção do que pagamos. É uma lei física, a lei de equilíbrio.

Pergunta: O pagamento é sacrifício?

Resposta: É, mas temos que sacrificar apenas coisas inexistentes, imaginárias. Todos os nossos valores são imaginários. No trabalho, adquirimos novos valores e perdemos os imaginários.

Pergunta: Devemos destruir todos os pensamentos que temos?

Resposta: Não se pode generalizar. Alguns deles podem ser úteis. Se todas essas coisas pudessem ser explicadas resumidamente, seria mais fácil. É preciso estudar muitas coisas para saber o que pagar e como pagar. E na vida temos crédito, mas aqui isso não existe. Pagando, devemos obter algo, mas não sabemos o que obteremos.

Pergunta: Devemos concordar em pagar?

Resposta: Devemos, mas isso pode ser difícil, não fácil. Geralmente, pagar deve ser difícil para nós e útil ao trabalho. Mas isso é uma explicação bastante geral. Com freqüência não podemos definir as coisas antes de chegar aos fatos.

Não podemos ter coisas velhas e coisas novas; não há lugar para elas; desse modo, devemos abrir espaço para elas. Isso acontece, mesmo em relação às coisas comuns. Se quisermos muito, teremos que dar muito. Se quisermos pouco, daremos pouco. Façam uma avaliação disso e então compreenderão.

Pergunta: Creio que talvez estejamos nos enganando em relação a querer mudar, não?

Resposta: Com muita freqüência. Essa é uma observação muito boa, porque muitas vezes nos persuadimos de que queremos mudar, mas, ao mesmo tempo, queremos conservar todas as pequenas coisas; desse modo, onde fica a mudança? A mudança é impossível, se queremos manter todas as coisas. Para pensar sobre a mudança, devemos também pensar naquilo que abandonaríamos.

Pergunta: Há algo em nós que nos impede de querer efetivamente mudar? Se desejássemos bastante, poderíamos ser ajudados?

Resposta: Sim, sem dúvida, mas eu não diria isso desse modo. Temos toda a ajuda possível; agora cabe a nós trabalhar, fazer algo. Sem dúvida, com diferentes condições, com uma preparação diferente e também com diferentes circunstâncias, as coisas estariam dispostas de uma melhor maneira. Mas a questão não é o quanto é dado, mas o quanto é recebido, porque, de modo geral, só uma pequena parte do que é dado é recebida.

Pergunta: Isso quer dizer que é importante organizar as nossas próprias coisas, de modo a ter mais tempo para dedicar ao trabalho?

Resposta: Acho que quase todos, exceto os casos muito extremos, podem dar tempo suficiente para ter uma determinada participação no trabalho sem mudar realmente a sua vida e os seus negócios.

Pergunta: Para a maioria de nós não é possível deixar de lado a sua vida.

Resposta: Não. Eu disse que deviam pensar nesse aspecto do trabalho, e devem considerá-la do ponto de vista prático: o que é possível e o que é impossível. Estou absolutamente seguro de que, na maioria dos casos, as pessoas podem continuar a fazer o que têm que fazer e viver como estão acostumadas. Não há na vida coisa alguma que não possa se tornar trabalho, se tentarmos nos lembrar de nós mesmos, se não nos identificarmos, se compreendermos que tudo acontece, e assim sucessivamente. Não há necessidade de modificar as circunstâncias; pelo contrário, a mudança das circunstâncias é até pior, especialmente no início. Mais tarde, poderá ser útil, mas não inicialmente.

Pergunta: O que o senhor quer dizer quando afirma que tudo na vida pode ser uma possibilidade de trabalho?

Resposta: Quis dizer que todas as ocupações habituais da vida podem se tornar trabalho. Se tentarmos aplicar as idéias do trabalho, pouco a pouco, seja o que for que façamos se tomará trabalho.

Pergunta: O que é uma aplicação prática, nesse sistema?

Resposta: Por exemplo, a possibilidade, através da lembrança de si mesmo, de aumentar a nossa consciência. Isso se torna prático imediatamente. E há muitas outras coisas.

Pergunta: Estou começando a compreender que a maior parte do trabalho que tentamos fazer para os outros na vida é inútil? Seria verdadeiro dizer que a escola nos ensina a discernir para quais trabalhos nós realmente estamos capacitados?

Resposta: Sim, sem dúvida, essa é uma das coisas mais importantes. Mas a escola não nos ensina apenas a trabalhar para os outros, ela nos ensina a trabalhar para a escola, e, dessa forma, aprendemos o que podemos fazer e como. Devemos, em primeiro lugar, aprender a trabalhar para nós; sem isso, não podemos fazer nada; devemos aprender a ser úteis a nós mesmos, a nos modificarmos. Em segundo lugar, devemos aprender a ser úteis às pessoas da escola, ajudá-las; e, em seguida, devemos aprender a ajudar a escola como um todo. Como eu disse, só quando trabalhamos em todas as três linhas podemos obter pleno proveito da escola, e, desse modo, aprender o que fazer fora da escola. Além disso, na escola aprendemos leis cósmicas e começamos a compreender por que certas coisas são impossíveis.

Pergunta: Se somos inteiramente mecânicos, não posso entender por que tentamos fazer algo. Se temos uma escola, qual é o objetivo de tê-la?

Resposta: Se não houvesse nenhuma possibilidade de mudar, não haveria qualquer propósito em tê-la, mas há uma possibilidade e essa é toda a diferença. Nesse sistema, sabemos que é impossível "fazer", que tudo acontece, mas também sabemos que há possibilidades de desenvolver esse poder de "fazer".

Pergunta: O trabalho sobre si adquire momentum depois de certo tempo ou permanece igualmente difícil, como empurrar encosta acima um carro?

Resposta: Creio que se torna mais difícil, porque se ramifica cada vez mais. Começamos numa linha; em seguida, após algum tempo, trabalhamos em três linhas, e cada uma delas se divide e toma a se dividir, e o tempo todo exige atenção e esforço. Não há nenhum momentum nele.

Por outro lado, adquirimos mais energia, nos tomamos mais conscientes, e isso o torna, num certo sentido, mais fácil. Mas, por si mesmo, o trabalho não pode se tornar mais fácil.

Pergunta: É necessário trabalhar para a escola antes que possamos fazer algum progresso?

Resposta: Não se pode falar assim. Se trabalhamos para nós e fazemos progressos, então pode surgir a oportunidade de trabalhar para a escola, mas não devemos levantar suposições teóricas. A nossa iniciativa é que é a coisa mais importante, tanto na primeira como na terceira linha. Dão-nos o material, mas a iniciativa continua sendo nossa. Na segunda linha, porém, não temos nenhuma iniciativa ou muito pouca.

Repito o que disse antes: recebemos essas idéias e viemos aqui, porque algumas pessoas trabalharam antes de nós e puseram a sua energia e o seu tempo nesse trabalho. Agora devemos aprender a partilhar da responsabilidade. Não podemos agora continuar a adquirir idéias sem participar da responsabilidade; isso é absolutamente natural. Desse modo, se não hoje, então amanhã devemos "fazer". Fazer o quê? Devemos compreender o que exigir de nós. Estudamos métodos de escola, e esse é o único modo de estudá-los.

Pergunta: O senhor pode dar um exemplo de como participar da responsabilidade?

Resposta: Não. Como eu disse, trata-se de uma questão de compreender o que é útil, necessário. Depois é uma questão de ver o que podemos fazer, se não agora, talvez mais tarde. Não pode ser dado na forma de uma prescrição.

Pergunta: Não é verdade que para nosso próprio proveito devemos pagar o que é difícil?

Resposta: Sim, mas devemos compreender isso. Pagar não é apenas tomar as coisas difíceis para si mesmo, sem qualquer proveito para ninguém.

Pergunta: Deveríamos evitar considerar o trabalho apenas do ponto de vista de nossas capacidades especiais?

Resposta: Naturalmente, cada qual deve considerar o trabalho, inicialmente do ponto de vista do que pode fazer. Mas, supondo que as suas capacidades não sejam úteis, ele deve então descobrir novas capacidades que sejam úteis. As pessoas perguntam muitas vezes: Como aprender a "fazer"? Fazendo tudo que é possível em relação às três linhas de trabalho. Muitas vezes não podemos "fazer", porque não conhecemos nossos próprios poderes. Além disso, não temos o hábito de certa disciplina, necessária no trabalho. Tudo pode ser aprendido, mas exige iniciativa e compreensão, e compreensão significa esforço, trabalho.

Pergunta: Parece-me que eu recebo mais do trabalho do que tenho dado. Mas eu não tenho nada a dar.

Resposta: Eu não faria tal complicação com isso. Sempre temos algo a dar e algo a aprender. Enquanto estivermos interessados e continuarmos a receber coisas, teremos oportunidade de pagar. Perdemos a oportunidade de pagar, quando não recebemos nada.

Pergunta: Sinto que é parte da nossa relação com a terceira linha de trabalho termos que tentar nos transformar em homem nº 4.

Resposta: Isso não é terceira linha de trabalho. Devemos fazê-lo para nós, de outro modo não o podemos fazer. Todas as três linhas estão ligadas, mas a terceira linha é o que fazemos diretamente para o trabalho, tal como somos, sem esperar nos tornar nº 4.

Pergunta: No entanto, parece-me que, enquanto não atingirmos um nível de ser superior, a compreensão de que o senhor falou não será para nós.

Resposta: Não, você está equivocado. Se você entende que estar num nível superior de ser é ter um centro de gravidade, então está certo, mas se pensa que é ter um estado diferente de consciência, está errado, porque se esperarmos até que tenhamos um estado diferente de consciência, não obteremos nada. Assim, a resposta à sua pergunta depende do que você entende por mudança de ser. A luta contra a falsa personalidade também é necessária; por causa da personalidade não podemos descobrir nada. Isso significa que deve haver uma certa mudança, mas não uma grande mudança.

Pergunta: O senhor se importaria de repetir novamente quais são as características do centro de gravidade?

Resposta: O centro de gravidade permanente surge, num dado momento da relação com o trabalho, quando já estamos certos do que estamos fazendo; confiamos no sistema e este se torna mais importante do que tudo e ocupa o lugar principal na nossa vida. É esse o momento em que se estabelece o centro de gravidade permanente. Quando, porém, nos interessamos pelas idéias do sistema e, no entanto, num momento qualquer, outra coisa pode se tornar mais importante, isso significa que não temos centro de gravidade.

Pergunta: É possível considerar as três linhas de trabalho como se fossem diferentes forças formando uma tríade?

Resposta: Num certo sentido, sim. Elas, porém, sempre mudam. Uma hoje é ativa, mas ontem era passiva e amanhã pode ser neutra. E, até mesmo em funções, são diferentes.

Essas três linhas de trabalho, como muitas outras coisas, não podem ser definidas em palavras. Ao mesmo tempo, a idéia é muito clara. No momento em que compreendermos isso, faremos a nós a pergunta: "Por que eu tinha necessidade de definições? Está absolutamente claro sem palavras!" Vocês devem se lembrar de tudo que se disse a respeito disso, porque muitas coisas já foram ditas sobre esse assunto. Lembrem-se, por exemplo, do que se disse a respeito da prisão.

Lembro-me de uma conversa que tive, há muitos anos atrás, com Gurdjieff. Ele dizia isso de uma forma muito simples, assim: "Um homem pode ser útil a si mesmo; pode ser útil a outra pessoa; pode ser útil a mim." Ele representava a escola. Isso descreve as três linhas de trabalho. E ele acrescentou: "Se um homem for útil apenas a si mesmo e não puder ser útil a mim ou a outra pessoa, não subsistirá muito tempo."

Pergunta: Mas, sendo úteis a nós mesmos, não nos tomamos úteis automaticamente aos outros?

Resposta: Não, é diferente. Só o esquecimento ocorre automaticamente; nada que seja bom acontece de maneira automática. É absolutamente justo obter coisas para

si mesmo, mas se só pensamos nisso, nos limitamos. Temos que nos estudar, trabalhar sobre nós mesmos; desse modo, temos tempo para estudar as outras linhas. Mas, depois de algum tempo, se não aceitamos essa idéia e mantemos somente uma única linha, começamos a perder a base.

Pergunta: A terceira linha não está, no momento, bastante longe do nosso alcance?

Resposta: Não, é necessário apenas compreender. Além disso, uma pessoa pode estar numa situação, outra pode estar noutra; não há, por conseguinte, nenhuma lei geral sobre isso. Por exemplo, eu comecei pela terceira linha; podia fazer mais na terceira linha, antes de poder fazer alguma coisa na primeira e na segunda.

Pergunta: Não existe uma espécie de organização para ajudar o homem a trabalhar na terceira linha?

Resposta: Existe. Mas uma organização por si só não pode ajudar, porque cada linha deve se basear em algum tipo de atitude. Uma organização não pode substituir uma atitude, mas, ao mesmo tempo, ela é necessária para compreender certas coisas. Por exemplo, uma das coisas mais importantes no trabalho é a compreensão da disciplina. Se compreendemos essa idéia de disciplina, percebemos a possibilidade de trabalhar contra a obstinação. Se não compreendermos, pensaremos que estamos trabalhando, mas na realidade não o estaremos fazendo, porque será apenas obstinação.

O estudo da disciplina está relacionado com a segunda linha de trabalho. Sem compreender a disciplina de escola, não podemos ter disciplina interior. Há pessoas que poderiam realizar um bom trabalho e que fracassam porque lhes falta disciplina. No entanto, a mudança de ser só é possível com o trabalho e a disciplina de escola. Durante um dado período de tempo, devemos observar isso, e depois, mais tarde, podemos trabalhar sozinhos. A disciplina está relacionada com regras. Estas são as condições dentro das quais as pessoas são aceitas na escola e dela recebem conhecimentos. A observância dessas regras ou condições é o seu primeiro pagamento e a primeira prova.

Uma das coisas mais importantes em todos os tipos de escola é a idéia de regras. Se não existirem regras, não haverá escola. Nem mesmo uma imitação de escola pode existir sem regras. Se for uma escola de imitação, haverá regras de imitação, mas deverá existir algum tipo de regras. Uma definição de escola é que há um certo número de pessoas que aceitam e seguem certas regras. As regras não são para facilitar nem para dar satisfação, mas para incomodar e contrariar, e, dessa forma, ajudar a lembrança de si mesmo.

Devem compreender que todas as regras se destinam à lembrança de si mesmo, embora tenham uma finalidade própria. Se não houver regras e a sua importância não for compreendida, não haverá trabalho.

A coisa importante que se deve compreender em relação às regras é que há, de fato, apenas uma regra, ou melhor dizendo, um princípio: não se deve fazer nada desnecessário. Tentem agora compreender isso. Por que não podemos "fazer" no sentido justo? Porque fazemos muitas coisas desnecessárias. A todo momento da nossa vida fazemos centenas de coisas desnecessárias e, por causa disso, não podemos "fazer" e devemos primeiro aprender a não fazer as coisas desnecessárias. Inicialmente devemos aprender a não fazer coisas desnecessárias

em relação ao trabalho e, mais tarde, em relação à nossa própria vida. Isso pode levar muito tempo, mas é o modo de aprender. Devemos fazer isso, não devemos fazer aquilo; tudo isso são condições, mas há somente uma regra. Enquanto não compreendermos essa regra fundamental, teremos que tentar obedecer a outras regras que nos são dadas.

As regras são particularmente importantes em relação com a organização dos grupos, porque, como as pessoas chegam sem se conhecerem mutuamente e sem saber do que se trata, certas regras devem ser impostas. Por exemplo, uma das regras aplicadas aos membros novos dos grupos é que não devem falar do que ouviram nas palestras às pessoas estranhas. Só começamos a perceber a importância dessa regra, quando essa forma de falar se volta contra nós, quando os amigos insistem para que falemos e não queremos mais falar. Essa regra é para ajudar as pessoas a não mentir, porque, quando falamos de coisas que não conhecemos, naturalmente começamos a mentir. Assim, se depois de ouvir uma ou duas palestras, as pessoas começam a falar sobre o que ouviram e a exprimir as suas opiniões, começam a mentir. Na sua maioria, as pessoas são impacientes, não dão a si mesmas tempo suficiente, chegam a conclusões cedo demais e, dessa forma, não podem deixar de mentir.

Mas a principal razão dessa regra é que é um princípio do trabalho de escola não transmitir idéias, mas preservá-las das pessoas e só comunicá-las dentro de certas condições que as protejam da deturpação. Do contrário, serão deturpadas no dia imediato; já tivemos suficiente experiência disso. É muito importante evitar que essas idéias se deteriorem, porque se pode dizer que uma escola é algo onde as pessoas e as idéias não morrem. Na vida, tanto umas como outras morrem, não imediatamente, mas morrem lentamente.

Outra razão para essa regra é que é um teste, um exercício de vontade, um exercício de memória e de compreensão. Vocês chegaram aqui sob certas condições; a primeira é que não devem falar e devem se lembrar disso. Isso ajuda enormemente a lembrar de si mesmo, porque vai contra todos os hábitos diários. O nosso hábito diário é falar indiscriminadamente. Mas, em relação com essas idéias, devemos ter discricção.

Pergunta: Parece que, numa escola, nada se faz sem razão. Será que uma das razões pelas quais essa regra é necessária é o fato de que a conversa introduziria um fator novo, cujo resultado seria imprevisível?

Resposta: Sem dúvida. Se soubéssemos o que fazer sem regras, estas seriam desnecessárias. Ao mesmo tempo, é também uma espécie de educação, porque, ao obedecerem às regras, as pessoas criam algo em si mesmas. Não haveria suficiente atrito, se não houvesse regras.

Pergunta: Creio que o principal objetivo das regras é quebrar a mecanicidade.

Resposta: Cada regra tem múltiplos objetivos, mas não podemos esperar nada exclusivamente das regras. Elas são apenas uma parte do trabalho geral, uma ajuda.

Pergunta: Acho quase impossível não utilizar o conhecimento adquirido até agora para ajudar um amigo.

Resposta: Ele ainda não pode ser utilizado, porque, se tentarmos fazer alguma coisa com a quantidade de conhecimento que temos, o deturparemos. É necessário ter mais, porque só então poderemos julgar se podemos fazer algo com ele ou não, numa determinada circunstância, ou dar algo a essa ou àquela pessoa. Agora não podemos dizer.

Além disso, tudo nesse sistema deve ser explicado plenamente ou deixado absolutamente intocado, e, para explicar uma coisa, temos que explicar outra. Essa é a dificuldade. Vêem o que quero dizer? Para nós, muitas coisas são fatos ou, pelo menos, deveriam ser fatos. Se as dissermos às pessoas que nunca passaram demoradamente por esse estudo, para elas serão algo como fé. Elas acreditarão ou não, e como essas coisas, na maioria das vezes, contrariam as idéias correntes, será mais fácil para elas não acreditar. Por que iríamos então criar mais descrentes? É impossível transmitir essas idéias de forma bastante clara às pessoas que não as estudaram.

Pergunta: É difícil discutir algo com alguém, sem que isso esteja impregnado daquilo que ouvimos aqui.

Resposta: Enquanto não se tomar fácil, não podemos fazer nada; tudo se transformará em conversa e continuará sendo conversa. Só quando pudermos nos manter em silêncio, conservando algo para nós mesmos, poderemos acumular mais conhecimento ou material. Se fizermos um furo numa bola, o seu conteúdo escapará. Se fizermos um furo em nós mesmos, tudo também escapará. As regras são difíceis de manter, porque, ao nos lembrarmos delas ao obedecê-las, acumulamos energia consciente. Essa é a principal razão pela qual são feitas as regras.

Não se pode descrever as regras ou fazer um catálogo delas, mas as regras podem ser compreendidas. Além disso, o desenvolvimento emocional precisa de disciplina. Nada desenvolve tanto o centro emocional como abrir mão da obstinação. As regras estão relacionadas com a idéia de conduta. Quando nos tomarmos homens nº 5, a nossa conduta se aperfeiçoará em comparação com o que é hoje. Mas não somos homens nº 5, de modo que devemos ter regras. Se nos lembrarmos das regras, as compreendermos e seguirmos, a nossa conduta será firme e nos levará numa direção definida; não será mais a conduta caprichosa dos homens nº 1, 2 e 3.

Todos os caminhos exigem disciplina. Isso explica por que não podemos trabalhar sozinhos. Não podemos criar disciplina sozinhos. Se compreendemos esse trabalho, então a disciplina assume a forma que não escolhemos por nós mesmos, mas trabalhamos de acordo com instruções. Leva muito tempo para adquirir vontade, pois a obstinação tem que ser conquistada em primeiro lugar. Enquanto isso, uma outra vontade é necessária, a vontade da escola, da organização.

Pergunta: Não compreendo por que as regras fazem parte da segunda linha e não da terceira.

Resposta: Procure pensar. Não podem existir regras na primeira e terceira linhas; nelas devemos fazer o que podemos, deve haver iniciativa, o trabalho deve ser livre. Na segunda linha, deve haver disciplina.

Pergunta: O que é mais importante na segunda linha: vantagem para si mesmo ou para o outro?

Resposta: É impossível formular a coisa assim. Na segunda linha, devemos ser capazes de esquecer os nossos próprios interesses, os nossos próprios gostos e antipatias.

Pergunta: As perguntas feitas pelas pessoas, nas palestras, e que são úteis aos outros, são a segunda linha de trabalho?

Resposta: Não; o trabalho é outra coisa. É necessário compreender o que a palavra "trabalho" significa nesse sistema. Não significa acontecimentos como esse de que a pergunta de alguém dê um resultado útil. O trabalho significa sempre uma linha de esforços que conduza na direção de determinada meta definida. Não apenas um esforço. Um esforço não significa trabalho; mas uma linha de esforços associados, uma linha ininterrupta de esforços, só isso constitui trabalho.

Pergunta: Se duas pessoas se ajudam mutuamente, isso representa a segunda linha?

Resposta: Não; como expliquei, na segunda linha não há nenhuma iniciativa. Mas deve haver certa preparação para isso: devemos compreender a necessidade de trabalhar com as pessoas. Quando começarmos a compreender que é fisicamente impossível trabalhar sozinho, que é apenas por causa dessas outras pessoas que podemos trabalhar, isso será compreensão, mas ainda não a segunda linha. Devemos compreender que as pessoas que encontramos aqui são tão necessárias quanto o próprio sistema. Isso será um começo.

Pergunta: Há uma linha especial que nos ajude a evitar fazer coisas desnecessárias?

Resposta: Não existe uma linha especial; todas as linhas explicadas ajudam. Devemos poder observar o que é possível. Foram dadas muitas sugestões e um dia vocês podem trabalhar melhor numa linha e outro dia numa outra linha; não há uma linha especial para todos os dias, para todo o tempo. E há a lembrança de si mesmo, tudo que se disse sobre a identificação, a consideração, as emoções negativas, o estudo do sistema, muitas coisas. Nunca sabemos qual será mais útil num dado momento; numa oportunidade, algo ajuda, noutra, a ajuda vem de outra parte.

Pergunta: Esse sistema implica submissão?

Resposta: Não no sentido corrente. No Quarto Caminho só um tipo especial de submissão é necessário, em certos tipos de trabalho, em algumas situações especiais. Por exemplo, como eu disse, devemos submeter as nossas decisões em assuntos relacionados com o trabalho na escola. Esse é um exemplo de disciplina possível. E devemos nos lembrar da razão por que o estamos fazendo e o que estamos fazendo. Por exemplo, ao lembrar as regras, devemos submeter uma parte do nosso próprio julgamento e simplesmente lembrarmos-nos delas. Por quê? Porque devemos nos dar conta de que não temos suficiente compreensão. Quando compreendermos, não haverá necessidade alguma de nos lembrarmos das regras. Vêm então que submissão não quer dizer sacrifício cego, e só é necessária em relação com o trabalho de escola, não fora deste.

Repito: a maneira de adquirir vontade é submeter-se a certa disciplina e não tentar fugir. As pessoas usam, no trabalho, os mesmos métodos que utilizam na vida: adaptam-se. Tentam fazer o trabalho tão cômodo, ou pelo menos tão pouco incômodo quanto possível, e, dessa forma, perdem o que o trabalho pode dar.

Pergunta: Não vejo por que não é admissível a adaptação no trabalho.

Resposta: Não podemos nos adaptar ao trabalho; temos que trabalhar com fatos concretos. A adaptação pode ser correta em certas situações da vida, mas, no trabalho, ela é sempre errada. A adaptação não é um método seguro. Adaptamo-nos a um modo de ser ou a um conjunto de circunstâncias e, em seguida, o trabalho muda e a nossa adaptação deixa de funcionar. Precisamos descobrir um método melhor, porque nunca sabemos o que acontecerá no momento seguinte. Por exemplo, sentamo-nos em nosso quarto e decidimos não nos irritar; em seguida, algo inesperado ocorre e ficamos irritados antes que possamos nos dar conta disso.

Pergunta: Como podemos tornar mais efetivo esse trabalho? Percebo que ele não é o que podia ser.

Resposta: Ele é o que é, porque não somos o que poderíamos ser. Há determinado princípio do trabalho: o tempo conta. Para cada pessoa são feitas certas exigências. Se estamos há apenas alguns meses no trabalho, as exigências são pequenas; no mês seguinte, elas aumentam; depois de seis meses elas são maiores, depois de um ano ainda maiores. Se uma pessoa não cumpre essas exigências, no fim, a conta se torna muito pesada. Se alguém considera que tem o direito de estar no nível do primeiro mês, após estar no trabalho alguns anos, ele não pode pagar a conta. Pagamento significa, antes de tudo, ser capaz de cumprir exigências. Estas crescem sempre, e, se estivermos atrasados, as coisas parecerão estar abaixo do seu nível adequado, sejam quais forem, porque nós estaremos em nível inferior. Mas, se trabalharmos, se crescermos, estaremos no nível das exigências. Estou mostrando a vocês o lado pelo qual se pode abordar essa questão. Numa organização, muitas coisas são necessárias; antes de tudo, compreensão e esforço.

Pergunta: Suponho que o cumprimento das exigências acarreta necessariamente o abandono de algumas coisas, mas fico confuso em relação ao que abandonar.

Resposta: Não se preocupe. Quando é necessário abandonar algo, isso se torna muito claro. Se não vemos o que temos que abandonar, isso quer dizer que não chegou ainda a hora de pensar nisso. Ter isso na cabeça é absolutamente inútil, pois, quando temos que abandonar algo, isso nunca aparece na forma de uma confusão. Talvez algum dia vejamos algum tipo especial de emoção negativa e perceberemos que, se quisermos conservá-la, não poderemos trabalhar. Ou poderá ser um tipo qualquer de imaginação, ou algo dessa espécie. As coisas sempre começam assim.

Pergunta: Parece paradoxal que, tentando nos livrar de algumas leis, estejamos nos colocando sob a ação de mais leis.

Resposta: Para tornar-se livre, é necessário submeter-se a muito mais leis, durante certo tempo, porque só podemos aprender a ser livres obedecendo a mais leis. Há muitas razões para isso. Uma delas é que somos indulgentes demais conosco; se fixamos uma tarefa para nós, no fim de certo tempo começamos a dar desculpas. E, além disso, nos iludimos muitíssimo.

Assim, como eu disse, se as pessoas quiserem continuar a estudar, devem aceitar certas condições. Isso quer dizer que devem tornar prático o estudo. Se as pessoas não levam o trabalho com a necessária seriedade, ele é uma perda de tempo. As pessoas têm o direito de ir embora e eu de parar as palestras, de modo que não há nenhuma obrigação de ambas as partes. Tenho outro trabalho a fazer, mas é necessário que abra mão do meu tempo, porque é a única forma de iniciar uma escola. Se eu puder dizer: "Se eu morrer amanhã, o trabalho continuará", isso significa que uma escola foi iniciada. Se ele depender inteiramente de mim, isso quererá dizer que a escola não é bastante vigorosa.

Pergunta: Numa escola, é melhor estudar apenas a si mesmo e não os outros?

Resposta: Não, é necessário o estudo dos outros também, mas não apenas dos outros.

Pergunta: Certamente é mais fácil ser objetivo em relação aos outros do que a si mesmo, não?

Resposta: Não, é mais difícil. Se nos tornamos objetivos em relação a nós, podemos ver objetivamente os outros, porque, antes disso, tudo será colorido pelas nossas próprias opiniões, atitudes, gostos, pelo que gostamos ou não gostamos. Para sermos objetivos, temos que estar livres disso tudo. Podemos nos tornar objetivos para nós mesmos no estado de consciência de si mesmo: essa é a primeira experiência de estabelecimento de contato com os objetos reais.

Pergunta: Aprende-se alguma vez a administrar choques em si mesmo a fim de trabalhar como se devia?

Resposta: Se trabalharmos nas três linhas, uma linha provocará choques em outra. Quando compreendermos, não teoricamente mas com base na observação, como uma linha ajuda outra, descobriremos.

Pergunta: O que eu quis dizer é que, quando precisamos urgentemente de energia para um propósito especial, como podemos obtê-la? Seria mediante um choque?

Resposta: Um bom choque produz energia rapidamente. Mas os choques podem ser de três espécies: alguém pode nos dar um choque, podemos dá-lo em nós mesmos ou ele pode ocorrer acidentalmente. Nada mais pode criar energia rapidamente. Um bom choque pode nos fazer lembrar de nós mesmos e lembrar o choque. Poderá ser tão bom que não nos esqueceremos dele durante algum tempo; isso nos tornará mais emocionais e o centro emocional produzirá energia.

Pergunta: O senhor disse que os choques podem ser acidentais?

Resposta: Os choques acidentais não contam. As coisas acontecem; as pessoas acham dinheiro na rua, mas não podemos contar com isso. Quando falamos de "dar choques", estamos nos referindo a choques conscientes.

Devemos compreender como as coisas acontecem. Começamos a fazer uma coisa e, em seguida, chegamos a um intervalo, sem sequer perceber a existência de intervalos ou sem saber da possibilidade deles. Essa é a nossa situação. Antes de chegar à possibilidade de estabelecer uma meta e alcançá-la, devemos compreender que isso está muito longe de nós e devemos estudar os intervalos nos exemplos dados, tais como o diagrama do alimento. Estudando esses intervalos e os dois choques conscientes que são explicados, aprendendo a produzi-los,

podemos chegar à possibilidade de um tipo completamente distinto de choque, mas não antes disso. Na verdade, se pudéssemos criar um número suficiente de choques necessários, que fossem bastante fortes, não haveria praticamente nada que não pudéssemos obter. A única coisa de que necessitamos são choques, mas não podemos criá-los. Mesmo que pensemos neles, não temos bastante confiança, não acreditamos em nós mesmos, não sabemos com certeza que esse choque produzirá o efeito desejado. É por isso que o trabalho organizado contém em si mesmo muitos choques, de modo que ele não é deixado entregue a nós mesmos. Adormecemos tão depressa que nenhum choque nos desperta, não nos damos conta deles.

Pergunta: A percepção da mecanicidade nos permite alguma escolha nas nossas ações ou devemos esperar pela vontade?

Resposta: Eu diria que permite uma escolha. Ao mesmo tempo, é errado pensar que, quando a percepção se dá, já nos proporciona a possibilidade e o poder. Podemos saber e não sermos capazes de fazer nada. É uma situação muito difícil e desagradável, quando começamos a ver as coisas e somos incapazes de fazer algo. É por isso que, em certos casos, é melhor não começar a trabalhar, a menos que estejamos preparados para ir até o fim. Do contrário, podemos fracassar por indecisão.

A idéia de escolha é uma idéia contraditória. De um ponto de vista, não há nenhuma escolha; de outro, há. De um terceiro ponto de vista, volta a não haver escolha, e tudo é verdadeiro. Trata-se de uma idéia muito complicada. Por exemplo, no trabalho há escolha, mas o trabalho está ligado à vida exterior. As coisas podem se tornar tão ruins que não há nenhuma escolha, e então talvez haja um momento de escolha, mas, se o deixarmos passar despercebido, o perderemos.

Pergunta: Há algum modo de reconhecer esses momentos de escolha?

Resposta: Só tentando descobrir esses momentos no trabalho, porque esse sistema é um método de aquisição de um novo conhecimento e de poder e, ao mesmo tempo, um meio de exercitar esse conhecimento e poder. Aqui, temos mais possibilidade de escolher. Se exercitarmos isso, talvez, mais tarde, possamos então aplicá-lo a outras coisas. Essa idéia está relacionada com as encruzilhadas, que são momentos em que podemos "fazer". Chega um momento em que podemos servir ou não a esse trabalho. Se ele chega e o deixamos passar, durante um ano ou mais pode não vir outro, se não nos dispusermos a usar o trabalho organizado, que pode tornar as oportunidades permanentes.

Pergunta: Com referência ao trabalho da segunda linha, será necessário pedir uma oportunidade?

Resposta: A oportunidade é dada a todos, só que um homem só não pode organizar para si mesmo o trabalho na segunda linha; ele deve ser organizado para ele.

Nesse sentido, constatou-se por experiência que o trabalho físico é muito útil na escola. Em algumas delas, há exercícios físicos especiais, mas, na falta deles, o trabalho físico ocupa o seu lugar. Tudo isso se refere à segunda linha; ela deve ser trabalho organizado. A idéia é esta: quando um certo número de pessoas trabalham juntas, na casa, no jardim, com os animais, etc., isso não é fácil. Isoladamente, elas podem trabalhar, mas juntas, é difícil. Criticam-se mutuamente, interferem uma com

a outra, tiram coisas uma da outra. É um auxílio muito bom para a lembrança de si mesmo. Se uma pessoa estiver interessada na idéia, poderá tentar, mas só se sentir necessidade disso. Não devem pensar que se trata de um tipo de ajuda mágica. O trabalho significa ação. Teoricamente, o trabalho com outras pessoas é segunda linha, mas não devemos crer que, estando na mesma sala com outras pessoas ou fazendo o mesmo trabalho, isso já é segunda linha. Ainda não sabem o que é a segunda linha de trabalho.

Pergunta: O senhor disse, certa vez, que o trabalho físico é a maneira de fazer os centros trabalharem de modo adequado. O que o senhor queria dizer com isso?

Resposta: O trabalho físico - não os esportes, mas o trabalho duro, uma espécie para uma pessoa, outra para outra - põe os centros em boas condições. Os centros estão ligados de um certo modo e as energias se distribuem de uma certa forma. Quando as pessoas estão ociosas, os centros procuram fazer o trabalho um do outro, e, por causa disso, o trabalho físico é um método muito seguro para fazê-los trabalhar melhor. Esse método é muito usado nas escolas. Na vida moderna, sobretudo em algumas pessoas, o trabalho incorreto dos centros solapa toda a energia. Mas, naturalmente, mesmo no trabalho organizado, se trabalharmos identificados, ele não terá nenhuma significação.

Pergunta: Qual é a diferença entre o trabalho físico da vida comum e o trabalho físico organizado de uma escola?

Resposta: Trabalhar em qualquer outro lugar é muito mais fácil; damos a nós mesmos a liberdade de escolher o modo de fazê-lo. Vamos supor que estamos trabalhando no nosso jardim. Faremos as coisas que gostamos de fazer e as faremos da nossa própria maneira. Escolheremos as nossas próprias ferramentas, o nosso próprio tempo, a estação que nos convenha, e tudo mais. Dessa forma, introduziremos muito de determinação nele. No trabalho organizado, não temos apenas resultados físicos; temos também que lutar contra a nossa obstinação. O trabalho não deixa de ser perigoso por ser organizado especialmente, porque, no trabalho comum, sempre permanecerá a obstinação, enquanto no trabalho de escola, ela destrói tudo, e não apenas para cada um de nós, mas também para as outras pessoas. A obstinação sempre sabe melhor e sempre quer fazer as coisas da sua própria maneira. Todo trabalho organizado é uma oportunidade de trabalhar contra a obstinação.

Além disso, o trabalho físico organizado precisa de esforço emocional. Essa é a razão pela qual o trabalho físico não pode realmente ser chamado de físico, porque é emocional também. Se fosse unicamente físico, não seria proveitoso. Se não houver nenhum esforço emocional no trabalho físico que estivermos fazendo, devemos aumentar a sua velocidade ou aumentar o tempo ou o esforço para torná-lo emocional. Procurem fazer algum trabalho físico mais difícil e de maior duração do que quando o fazem com facilidade e verão que isso exige um esforço emocional. Daí a razão por que o trabalho físico é importante.

Pergunta: Que espécie de esforço emocional?

Resposta: Você verá. Estamos falando agora do trabalho físico relacionado com o sistema; ele está subordinado a leis inteiramente diferentes; nós o fazemos com uma finalidade diferente e devemos nos lembrar por que o fazemos.

Pergunta: Algumas pessoas precisam de escola e outras não?

Resposta: A escola é para aqueles que estão preparados para ela. O começo do trabalho de escola já denota uma preparação. Na escola, devemos começar uma nova oitava. Qual é o dever dessa personalidade que era o centro magnético? O que se pode agora adquirir a partir dela? Avaliação do trabalho, avaliação do sistema e de tudo que se relaciona com ele. Se a avaliação existir, essa personalidade crescerá; caso contrário, não.

Pergunta: Podemos nos identificar com uma escola?

Resposta: Isso significa perdê-la. Podemos nos identificar de várias maneiras com a escola: gostando muitíssimo dela, criticando-a demais ou acreditando excessivamente nela.

Pergunta: A escola interfere no modo como nos comportamos fora dela?

Resposta: Em relação às escolas, as nossas ações são controladas por regras. Fora da escola, veremos que também é necessário utilizar certos princípios que usamos nela. Se não tentamos utilizá-los onde seja possível, é inútil conhecê-los. Então - e isso não é uma regra ou princípio - verificaremos que, mesmo fora da escola, se quisermos fazer uma coisa, deveremos não fazer alguma outra coisa; noutras palavras, temos que pagar por tudo, não no sentido de pegar dinheiro e pagar, mas mediante algum tipo de "sacrifício" (não gosto dessa palavra, mas não há outra). Dessa maneira, ela abrangerá toda a nossa vida.

Pergunta: O número de pessoas de uma escola depende da quantidade de conhecimento produzida?

Resposta: Não, depende do número de pessoas que têm um certo ser e que podem encarregar-se de outras, ensiná-las e instruí-las. Vocês pensam que as escolas são cogumelos num bosque; no entanto, elas são muito diferentes dos cogumelos. Uma escola é o resultado de um longo trabalho. Mesmo que consideremos esta sala e nós aqui sentados falando, isso é o resultado de trinta anos de trabalho realizado por muitas pessoas, e talvez outras antes delas. Devemos levar isso em conta.

Além disso, conhecimento, no nosso sentido, significa conhecimento relacionado com a possibilidade de desenvolvimento do ser. Esse conhecimento deve provir de outra escola e deve ser valioso. Vamos supor que eu os faça aprender de cor a data de nascimento de todos os presidentes franceses; que utilidade terá isso? No entanto, com muita freqüência, isso é chamado conhecimento.

Pergunta: A razão pela qual esse conhecimento não pode ser dado sem pagamento é que as pessoas que o recebem sem pagar o deformarão?

Resposta: Simplesmente porque o perderão, o desperdiçarão, porque a avaliação depende do pagamento. Não podemos ter uma avaliação justa de uma coisa pela qual não pagamos. Se ela for barata demais, não lhe daremos valor. Esse é um aspecto; outro aspecto da questão é que, se damos valor a uma coisa, não a daremos a outra pessoa. O que significa avaliar? Se compreendermos que esforço foi feito para que esse conhecimento lhe fosse dado, quantas pessoas trabalharam e durante quanto tempo, não o desperdiçaremos por nada, porque, antes de tudo, não será útil àqueles que o receberem, e, depois, por que deveriam recebê-lo em troca

de nada? Seria a maior injustiça. Mas isso não pode acontecer, porque elas não podem tê-lo de forma alguma.

Pergunta: Até onde compreendo, o objetivo fundamental da escola é produzir um super-homem.

Resposta: Não sei nada em relação a isso de "produzir um super-homem". Isso aqui não é um ninho de super-homens!

Pergunta: Qual a relação que há entre a idéia de escola e a ordem cósmica?

Resposta: Esta escola - uma escola na qual podemos estar - é uma coisa muito pequena. Ela pode nos ajudar, mas é uma grande presunção nossa pensar que tem uma significação cósmica. É muito fácil compreender a idéia de escola, se pensarmos de maneira simples sobre ela. Queremos ter certo conhecimento e não podemos adquiri-lo, enquanto não encontrarmos uma escola, quero dizer uma escola que tenha recebido esse conhecimento de outra escola, não o conhecimento inventado pelos homens comuns. Essa é a única idéia de que podemos começar.

Pergunta: Há tempos atrás, o senhor se referiu a homens de inteligência superior, de quem esse conhecimento provém. Esses homens existem de fato e podemos reconhecê-los?

Resposta: Não poderemos reconhecê-los, se eles não quiserem ser reconhecidos. Mas se quiserem, poderão mostrar que estão num nível diferente. Se encontrarmos homens de um nível superior, não reconheceremos o seu ser, mas podemos reconhecer o seu conhecimento. Conhecemos os limites do nosso conhecimento, por isso podemos perceber o que alguém sabe mais do que nós. Isso é tudo que é possível para nós no nosso estado atual. Mas não podemos ver se outra pessoa é consciente ou não, ou mais consciente do que nós. Ela parecerá a mesma coisa ou até - e isso é particularmente interessante - muitas vezes ocorre que um homem que é mais desenvolvido pode parecer menos consciente e nos dar a impressão de ser mais mecânico do que nós.

Pergunta: As escolas existem para exercer um efeito geral nas outras pessoas ou é inteiramente por seus próprios motivos?

Resposta: Eu diria que por ambos os motivos, só que não há nenhuma contradição entre as duas coisas, porque como podem as escolas exercerem uma influência sobre as pessoas que não estão em escolas? A principal dificuldade em compreender os sistemas de escola é que eles não podem se diluir excessivamente. Se se diluem, transformam-se no seu próprio oposto, deixam de significar alguma coisa e de ter qualquer finalidade.

Pergunta: As escolas não influenciaram, no passado, a humanidade?

Resposta: Quando as escolas influenciavam a humanidade, esta era muito pequena e aquelas muito grandes. Agora a humanidade é muito grande e as escolas muito pequenas. Por exemplo, as escolas sob o nome dos diferentes Mistérios influenciaram certos períodos da vida da Grécia, mas este é um país muito pequeno. O Egito era também comparativamente pequeno, por isso podia ser influenciado. Mas como poderia essa pequena escola influenciar hoje a humanidade? Você pergunta sem pensar. Lembro-me de que Gurdjieff dizia que duzentos homens conscientes poderiam influenciar a humanidade. Calculamos uma vez o que isso

poderia significar. Vamos supor que exista no mundo um homem nº 7; ele pode ter pelo menos uma centena de alunos, porque ele não pode, por si mesmo, estar em contato com os níveis inferiores. Se há um homem nº 7, ele deve ter pelo menos cem homens nº 6. Cada um deles deve ter pelo menos uma centena de homens nº 5, de modo que isso perfaz um total de dez mil homens nº 5. Cada um desses dez mil homens nº 5 deve ter pelo menos uma centena de homens nº 4, através dos quais ele pode ter contato com outras pessoas, de modo que deve haver um milhão de homens nº 4. Cada um desses deve ter pelo menos uma centena de homens nº^{os} 1, 2 e 3, que ele conhece e com quem pode trabalhar; de forma que isso perfará um total de cem milhões de homens nº^{os} 1, 2 e 3. A significação disso é que, mesmo que suponhamos que um milhar de pessoas formem uma escola, haveria cem mil escolas. Bem, sabemos decididamente que não há tal número de escolas, de modo que é impossível contar com um homem nº 7, porque a existência de um homem nº 7 significaria que as escolas controlariam a vida. Até mesmo o homem nº 6 indicaria que as escolas controlam o mundo. Isso significa que os homens nº 7 e nº 6 só estariam no mundo em condições especiais e seriam vistos e conhecidos, porque significaria que a vida seria controlada pelas escolas. E como sabemos que, se houvesse escolas hoje, elas estariam muito escondidas, isso não pode ocorrer nos nossos tempos.

Pergunta: O senhor quer dizer que o homem nº 7 não pode existir neste planeta ou que não existe nas condições atuais?

Resposta: Eu não disse que ele não pode existir. Disse que podemos ter razão para pensar que não existe de fato, porque a sua existência se revelaria. Mas isso não exclui a possibilidade de que, por alguma razão, os homens nº 7 possam existir e não se revelem; só que é menos provável.